

# **A TRADUÇÃO DO DIALETO DO PERSONAGEM HAGRID PARA O PORTUGUÊS BRASILEIRO E PORTUGUÊS EUROPEU NO LIVRO *HARRY POTTER E A PEDRA FILOSOFAL*: UM ESTUDO BASEADO EM CORPUS**

Caroline Reis Vieira Santos<sup>1</sup>  
Lincoln P. Fernandes<sup>2</sup>

## **Introdução**

Este trabalho baseia-se na dissertação de mestrado de Caroline Reis Vieira Santos intitulada *A Tradução do Dialeto do Personagem Hagrid para o Português Brasileiro e Português Europeu no Livro Harry Potter e a Pedra Filosofal: um Estudo Baseado em Corpus* e abarca a interseção entre Estudos da Tradução e Literatura Infanto-Juvenil.

A hipótese inicial informando este estudo era que as tradutoras optaram pela redução de grande parte das marcas dialetais, utilizando, em suas traduções, transposições da variante falada para a escrita através de marcas de oralidade, indo ao encontro do que Krings (1986) chama de estratégia da redução e Klingberg (1986) considera uma padronização. Para verificar essa hipótese, utilizou-se um corpus paralelo bilíngue, o qual é um subcorpus do PEPCo – *Portuguese-English Parallel Corpus* (FERNANDES; BARTHOLOMEI JR., 2009).

O propósito deste trabalho é também o de proporcionar maior visibilidade à Literatura Infanto-Juvenil traduzida, já que no Brasil a maioria dos livros desse tipo de literatura é traduzida. Shavit (2003) defende a importância do desenvolvimento de estudos sobre a Literatura Infanto-Juvenil levantando a riqueza que esse tipo de literatura oferece e chamando atenção para a negligência que ela vem sofrendo. A autora também questiona os parâmetros que tem sido usados para analisar essa literatura, qual seja, os parâmetros da literatura adulta que não cobrem as especificidades de uma literatura desenvolvida para crianças e jovens.

O arcabouço teórico e metodológico que subsidiou o desenvolvimento da pesquisa da qual resulta este trabalho consiste na interseção do campo disciplinar dos Estudos da Tradução (TOURY, 1995 e HERMANS, 1999), a área de pesquisa de Literatura Infanto-Juvenil, o método de Estudos da Tradução Baseados em Corpora e o arcabouço teórico dos Estudos Descritivos da Tradução.

---

<sup>1</sup> Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

<sup>2</sup> Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

A distinção norteadora deste trabalho consiste na diferenciação entre dialeto e oralidade: o dialeto é uma variante que

[...] você fala porque você ‘pertence a’ (vem de um lugar ou escolheu deslocar-se até ele) a uma determinada região, classe social, casta, geração, faixa etária, gênero ou outro grupo relevante dentro de uma comunidade. (Nem todas essas características são relevantes em qualquer época ou lugar, mas a **combinação** delas pode ser.) [...] (HALLIDAY, 1989:44. Tradução minha.)

ou seja, é um **conjunto** de características sociais que se manifesta através de um conjunto de características linguísticas formando, assim, um dialeto.

Já em relação à oralidade

Uma das características distintivas entre a língua falada e a escrita é relacionada à prosódia. Prosódias são características linguísticas da língua falada, como entonação (tonicidade e tom), ritmo, ‘fraseamento’ e pausas, as quais são deixadas de lado pela língua escrita.” (FERNANDES, 1998:58. Tradução minha.)

Porém, essas características prosódicas não estão ligadas a fatores sociais, como as características que diferem um os dialetos. Podemos concluir que os fatores sociais são a principal diferença entre a variante oral e um dialeto específico.

## **1 Um problema de tradução: a tradução de um dialeto**

Foram encontrados três autores que trataram da tradução de dialetos com diferentes abordagens. Krings (1986) trata do problema da tradução de um dialeto sob a perspectiva do tradutor profissional; Klingberg (1986) fez um estudo sobre a tradução de Literatura Infanto-Juvenil abordando, inclusive, a tradução de dialeto dentro desse tipo de obra; Milton (2002, 1994) fez um breve levantamento da inclusão de níveis não padrão em traduções de romances clássicos no Brasil, que embora não seja o foco deste trabalho, apresenta um panorama da tradução de dialetos no país.

Krings (1986) aponta em seu trabalho direcionado ao ensino de tradução que os tradutores tendem a apagar essa linguagem marcada traduzindo-a por uma variante padrão da língua. Já Klingberg (1986) verificou em seu trabalho que investigou a tradução de Literatura Infanto-Juvenil que há duas opiniões sobre como traduzir dialetos dentro da Literatura Infanto-Juvenil: uma defende que devido às dificuldades o dialeto não deveria ser traduzido, a outra defende que o dialeto deve ser preservado de alguma

forma. Já Milton (2002, p. 50 e 53) concluiu “ao estudar as traduções de romances clássicos do inglês para o português, realizadas entre 1945 e 1975 (Milton, 1994), que nunca<sup>3</sup> foram utilizados falares de baixo padrão ou gírias nas traduções.” (Id.,Ibid., p.50)

Quase 20 anos depois de Krings(1986) e Klingberg (1986), Jentsch vai mais a fundo ainda no objeto desta pesquisa e expõe o seguinte:

Infelizmente, nenhum dos tradutores neste estudo escolheu traduzir essa fala [a fala de Hagrid] como nada além do vocabulário e sintaxe normais. Talvez os tradutores estivessem preocupados que ao usar um dialeto particular para o personagem Hagrid talvez fosse despresticioso para os falantes daquele dialeto, como o dialeto de Hagrid é obviamente aquele de uma pessoa menos letrada e culta. No intuito de desenvolver o personagem, e também de garantir a jocosidade, no entanto, os tradutores certamente poderiam ter chegado a uma **solução inofensiva**. (JENTSCH, 2006:195. Tradução minha, grifo meu)

Neste excerto podemos observar o quão prescritivista e superficial Jentsch foi ao analisar o problema e afirmar que se poderia ter chegado “a uma **solução inofensiva**”. Quando diz isso, Jentsch (2006) ignora completamente o que foi observado por Krings (1986) como uma solução ao lidar com uma linguagem fortemente marcada dentro de um tradução; e por Klingberg (1986) ao observar como os tradutores de LIJ lidavam com o problema da tradução de um dialeto, além de ignorar completamente a prática comum entre três tradutores analisados por ela. Outra crítica ao proposto pela autora é que os tradutores talvez tenham escolhido não traduzir o dialeto de Hagrid por receio de desprestigiar os falantes de tal dialeto, já que ele é uma pessoa menos letrada e culta. Se esse argumento fosse válido, a própria Rowling teria optado por não lançar mão de um dialeto para compor o personagem. Em nenhum momento ela leva em consideração as necessidades do público leitor da série, por exemplo, focando única e exclusivamente como se o fato de os tradutores escolherem por não traduzir o dialeto não fosse exatamente uma "escolha", mas sim uma falta de capacidade para tal ou então que essa escolha não fosse legítima por ter optado em apagar o dialeto.

## 2 Metodologia: estudos da tradução baseado em corpus

---

<sup>3</sup> Há de se levar em consideração que termo “nunca” usado pelo autor foi radical visto que existem trabalhos como o de Solange Peixei Pinheiro de Carvalho (2007) e de Kátia Regina Vichy Hanna (2006) que já trataram do tema da tradução de falares marcados em traduções.

Para a realização da análise de dados, o texto original e as traduções foram digitalizadas, corrigidas, alinhadas e marcadas. Depois desses passos iniciais, foi utilizado uma ferramenta do corpus paralelo bilíngue Portuguese-English Parallel Corpus (PEPCo) chamada PEPCo Builder em que qualquer texto em formato .txt pode ser adicionado para que um corpus possa ser criado. O uso de corpus facilitou muito a análise dos dados, já que permitiu que fossem rastreadas todas as falas do personagem e que fossem levantadas as marcas de oralidade e dialeto de cada uma dessas falas de maneira mais rigorosa.

### 3 Análise de dados

Após observar o texto-fonte e os texto-alvo foram criadas algumas características de análise que foram divididas em marcas dialetais exclusivas do texto fonte (fenômenos fonéticos - aférese, aglutinação, apócope, síncope –; fenômenos de grafia representando fonemas; fenômenos de economia linguística; e fenômenos de contrariedade à norma padrão) e marcas de oralidade para os textos alvo (marcas de oralidade (interjeição, onomatopeia, repetição); e futuro perifrástico. A tabela abaixo mostra alguns exemplos da ocorrência desses fenômenos no texto:

| Original                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 'Don'(apócope) you worry, Harry. You'll learn fast enough. Everyone starts at the beginning at Hogwarts, you'll be just fine. Just be yerself. I know it's hard. Yeh've (troca de you por yeh) been singled out, an' (apócope) that's always hard. But yeh'll (troca de you por yeh) have a great time at Hogwarts – I did – still do, 'smatter (aférese, aglutinação, grafia representando fonemas) of fact.' (Hagrid) |
| Tradução brasileira                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
| – Não se preocupe, Harry. Você vai aprender bem depressa. Todos começam pelo começo em Hogwarts, você vai se dar bem. Seja você mesmo. Sei que é difícil. Você vai ser discriminado e isso é muito duro. Mas vai se divertir a valer em Hogwarts. Eu me diverti; e ainda me divirto, para dizer a verdade. (Hagrid)                                                                                                     |
| Tradução portuguesa                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
| Não 'tejas (aférese) preocupado, Harry. Vais aprender muit'a (apócope, aglutinação) depressa. Todos começam do princípio em Hogwarts. Vai correr tudo bem. Só tens de ser tu próprio. Sei que não é fácil. Foste escolhido e isso é sempre difícil mas vais gostar a brava Hogwarts. Eu gostei, 'inda (aférese) gosto, p'ra (síncope) dizer a verdade. (Hagrid)                                                         |

Após a análise feita utilizando-se ferramentas de corpus foram encontrados os seguintes resultados: o texto original apresentou 628 marcas de oralidade divididas em 325 fenômenos fonéticos, 225 grafias representando fonemas, 54 fenômenos de economia linguística e 29 marcas de contrariedade à norma gramatical padrão; a tradução portuguesa apresentou um total de 385 ocorrências divididas em 337 fenômenos fonéticos, 45 marcas de oralidade, 1 futuro perifrástico; a tradução brasileira apresentou um total de 85 marcas divididas em 4 fenômenos fonéticos, 2 marcas de contrariedade à norma gramatical padrão, 92 marcas de oralidade e 1 futuro perifrástico.

Observou-se também que as diferenças entre a estrutura da língua do texto-fonte e do texto-alvo influenciaram na tradução, já que nem sempre foi possível aplicar um mesmo recurso em uma mesma situação, caso em que as tradutoras compensaram com o mesmo recurso ou um recurso diferente quando e onde a língua alvo permitiu. Além disso, cada tradutora lidou com um público leitor, que apesar de se encontrar na mesma faixa etária, está inserido em um meio cultural diferente.

Depois de analisar os dados encontrados, percebeu-se que há diferença não só no que diz respeito à marcação da oralidade, mas também no registro utilizado, principalmente no utilizado pela tradutora brasileira. Enquanto a autora e a tradutora portuguesa optam por uma variante mais próxima da oral, que realmente tente mostrar que a oralidade está sendo representada através do meio escrito, a tradutora brasileira percorre o caminho inverso: ela utiliza-se de marcas pertencentes ao modo escrito, como o uso de pronomes oblíquos enclíticos no português do Brasil (CUNHA, 1984), misturados com marcas que lembrem a variante oral.

### **Considerações finais**

O que se verificou, na verdade, é que realmente ambas as tradutoras apagaram marcas dialetais devido à dificuldade de se reproduzir o conjunto de variáveis específicas que compõe um dialeto na cultura da língua de origem na cultura de chegada. Para compensar essa redução, as tradutoras utilizaram-se de marcas do discurso oral transcritas para o meio escrito (HALLIDAY, 1989), evitando assim o apagamento de grande parte da diferença da fala de Hagrid em relação à fala dos demais personagens. Além disso, há de se levar em consideração que a tentativa de reprodução de um dialeto no texto-alvo pudesse interferir no sucesso de vendas da obra, pois

poderia ser interpretado tanto pelos pais e pela escola, e consequentemente pela editora, como uma corrupção da língua que a escola se esforça em ensinar: a língua padrão.

Além disso, os dados encontrados durante a análise de dados corroborou o que foi encontrado por Klingberg em 1986. Conforme o autor há duas opiniões sobre como se traduzir um dialeto dentro da Literatura Infanto-Juvenil: a primeira diz que, devido a dificuldades, ele deve<sup>4</sup> ser traduzido por uma variante padrão da língua; a outra diz que o dialeto deve ser mantido se ficar evidente que a história se passa em outro país. Klingberg (1986), entretanto, não deixou claro como essa marcação dialetal deveria ser feita, nem encontrou nenhum trabalho em que essa prática foi utilizada, já que nos trabalhos investigados por ele, o apagamento das marcas dialetais foi o recurso utilizado na tradução do dialeto.

O que Klingberg (1986) não mencionou em seu trabalho, ou por falta de dados ou por outro motivo desconhecido, foi a possibilidade da tradução desse dialeto por marcas de oralidade. Foi justamente essa outra alternativa à proposta do autor (ibid.) que se pode verificar através dessa pesquisa: a possibilidade da tradução de um dialeto por marcas de oralidade em oposição à variante escrita padrão e como essa oralidade pode ser marcada: marcas fonéticas, contrariedades à norma gramatical padrão, marcas de oralidade e futuro perifrástico.

Os dados encontrados nesta pesquisa também foram parcialmente ao encontro do que disse Jentsch (2006), já que ela defende que um dialeto **deve** ser traduzido em vez de defender que um dialeto **pode** ser traduzido. Apesar dessa possibilidade, o tradutor tem certa autonomia – regulada pelo mercado editorial que aceita ou não suas **decisões** tradutórias – para decidir se vai ou não traduzir o dialeto de um personagem, principalmente dentro da Literatura Infanto-Juvenil na qual ele precisa conhecer as limitações de seu público leitor ainda em fase de desenvolvimento da leitura, que pode ser afetado, por exemplo, como uma linguagem que crie bloqueio durante o processo de aquisição da leitura.

Como se pode acompanhar ao longo deste trabalho, as duas tradutoras optaram por traduzir o dialeto de Hagrid de formas e graus diferentes. A tradutora brasileira usou menos marcas e elas foram mais superficiais e próximas do que o nível padrão da língua aprovaria; e a tradutora portuguesa optou por um maior número de marcas que se distanciaram mais do nível padrão da língua. Não há uma prática certa nem uma que

---

<sup>4</sup> Termo tal qual utilizado pelo autor.

seja mais recomendável, o que se constatou é que cada tradutora lidou com o dialeto da maneira que achou mais apropriada em seu contexto ao seu público leitor.

Após a análise de dados, constatou-se que a hipótese inicial se confirmou parcialmente: a tradutora portuguesa marcou mais em termos de número e com mais variedade de recursos a oralidade do que a tradutora brasileira. Foram 384 marcas no texto europeu contra 85 no texto brasileiro.

Os fatores que influenciaram as escolhas das tradutoras podem ter sido os das mais diversas naturezas, como levantado por Milton (2002) como o mercado editorial dos países, as normas de tradução de cada país, as condições profissionais, entre outros. Além disso, deve-se ter em mente que a obra analisada por este trabalho dedica-se ao público infanto-juvenil, por isso foi necessário respeitar as particularidades desse público leitor que se encontra desde a fase leitores em processo até leitores críticos (COELHO, 2006).

## Referências

KRINGS, H. P. Translation Problems and Translation Strategies of Advanced German Learners of French. In: VASCONCELLOS, M. L. et al. *Introdução aos estudos da tradução I*. p. 37-58. Petrópolis: Arara Azul, 2008.

KLINGBERG, G. *Children's fiction in the hands of translators*. Blooms Boktyekeri: Lund, 1986.

FERNANDES, L. P.; BARTHOLAMEI JR, L. *Portuguese-english parallel corpus*. 2008. Corpus on-line disponível em: [www.pget.ufsc.br/corpora/pepco](http://www.pget.ufsc.br/corpora/pepco)

HALLIDAY, M. A. K. *Spoken and written language*. Francis Christie. 2 ed. Hong Kong: Oxford, 1989.

JENTSCH, N. K. Harry Potter and the Tower of Babel: Translating the Magic. In: LATHEY, G. (ed.) *The translation of children's literature: a reader*. Clevedon: Multilingual Matters, 2006, p.190-207. (Topics in Translation, n. 31. Bassnett, S.; Gentzler, E. (eds.)).

MILTON, John. *O clube do livro e a tradução*. Bauru: EDUSC, 2002.188p. ISBN85-7460-053-9.

ROWLING, J. K. *Harry Potter and the Philosopher's Stone*. London: Bloomsbury, 1997.

ROWLING, J. K. *Harry Potter e a Pedra Filosofal*. Tradução de Isabel Fraga. Lisboa: Editorial Presença, 1999.

ROWLING, J. K. *Harry Potter e a Pedra Filosofal*. Tradução de Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SHAVIT, Z. "Cheshire Puss,... Would you tell me, please, which way I ought to go from here?" Research of Children's Literature – The State of the art. How did we get there –

how should we proceed. In: VÁZQUEZ; CENITAGOYA; LÉON (Eds.) *Realismo social y mundos imaginarios: una convivencia para el siglo XXI*. Espanha: Servicio de Publicaciones de La UAH, 2003.